

**ESSA TERRA: MITO E TELURISMO NO UNIVERSO
FICCIONAL DE ANTÔNIO TORRES**

**THIS LAND, MYTH AND TELLURISM IN THE FICTIONAL
UNIVERSE OF ANTONIO TORRES**

**ESTA TIERRA, EL MITO Y TELURISMO EN EL UNIVERSO
FICTICIO DE ANTONIO TORRES**

*Roseane Oliveira de Araújo FÉLIX**
*João Batista CARDOSO***

Resumo: O estudo ora apresentado tematiza a formação, adaptação e transformação da identidade do homem, tornado retirante e forasteiro nas terras para onde vai. O escopo da pesquisa é identificar a importância do telurismo e sua permanência na literatura brasileira; explicitar sua influência na formação de identidades culturais, servindo-nos da obra de Antônio Torres, “Essa Terra” (1988), de modo a explicitar os elementos identitários e culturais decorrentes da relação do personagem com a paisagem, uma paisagem que o exotou lançando-o numa trajetória ininterrupta para o Sul. Como suporte histórico-crítico, empregamos Barroso (2013), Cardoso (2009) Gagnebin (2006), e Bachelard (1989), dentre outros. O *corpus* e o suporte dão azo a que se persigam temas como terra vista como um paraíso, construção de identidades a partir da relação entre homem e espaço e o sujeito e suas formações ideológicas.

Palavras-chave: Telurismo. Essa terra. Identidade e sobrevivência.

Abstract: the study presented here studies the formation, adaptation and transformation of man identity, turned into migrant and stranger in the land where he/she goes. The scope of the research is therefore identifying the importance of tellurism and its permanence in Brazilian literature; explain its influence on the formation of cultural identities, using Antonio Torres’s work, “This Land” (1988), in order to clarify the identity and cultural elements resulting from the character relationship with the landscape, a landscape that casted him leading him in an uninterrupted path to the south. As historical-critical support, we employ Barroso

* Graduada em Letras Português pela Universidade Federal de Goiás, Regional Catalão. Contato: roseane.catalao@gmail.com.

** Pós-doutor com o estudo intitulado “Um mapa da história sobre o mapa da ficção: história e hibridismo cultural na ficção latino-americana”. Pós-doutor com o estudo “História e mito na ficção latino-americana”. Doutor em Literatura. É docente da Universidade Federal de Goiás, Regional Catalão, onde atua no Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem. Contato: jbccard@gmail.com.

(2013), Cardoso (2009) Gagnebin (2006), and Bachelard (1989), among others. The corpus and support give rise to that pursue issues such as land seen as a paradise, construction of identities from the relationship between man and space and the subject and its ideological formations.

Keywords: Tellurism. This Earth. Identity and survival.

Resumen: El estudio que se presenta ahora tiene como tema la formación, la adaptación y la transformación de la identidad del hombre, y se convirtió en migrante extranjero en la tierra donde va. Por consiguiente, el alcance de la investigación es identificar la importancia del telurismo y su permanencia en la literatura brasileña; explicar su influencia en la formación de las identidades culturales, sirviendo en la obra de Antonio Torres, “Essa Terra” (1988), con el fin de aclarar la identidad y los elementos culturales que resultan de la relación del personaje con el paisaje, un paisaje que echó haciendo un lanzamiento en un camino ininterrumpido hacia el sur. Como soporte histórico-crítico, empleamos Barroso (2013), Cardoso (2009) Gagnebin (2006), y Bachelard (1989), entre otros. El corpus y el apoyo dan lugar que persigan cuestiones tales como la tierra visto como un paraíso, la construcción de las identidades a partir de la relación entre el hombre y el espacio y la materia y sus formaciones ideológicas.

Palabras clave: Telurismo. Essa Terra. La identidad y la supervivencia.

Sempre houve em todo o mundo a questão da exploração do homem e da terra. Com o surgimento das novas ideologias do século XIX, abriu-se um campo novo para a arte, o da arte combate, da arte que serve ao mesmo tempo para clamar por um novo estado de coisas; clamar, enfim, por um mundo melhor. Um estudo que enfatiza, no âmbito da literatura, uma questão tornada problema na cena histórica brasileira; isto é, a questão dos retirantes que, saindo do nordeste, buscam uma terra onde possam sobreviver adentra os limites da relação entre ficção e historiografia.

Qualquer discussão sobre a historiografia adentra os limites do conceito de verdade. Esse conceito, no que tange à sua aplicabilidade à história, preocupa, sobremaneira, Gagnebin, quando ela assevera que “o historiador vive no relativo” (GAGNEBIN, 2006, p. 42). Essa relatividade remete a uma limitação de todo historiador, caracterizada pelo fato de ele não poder referir-se a tudo; dessa forma, “sua luta não pode ter por fim o estabelecimento de uma verdade indiscutível e exaustiva” (GAGNEBIN, 2006, p. 42), mas a fixação de verdades

parciais capazes de satisfazer a descrição de partes da realidade. Entretanto, a explicação de parte de um todo pode ser suficiente para o entendimento do universo onde essa parte se insere. Neste caso, a verdade aplicada à historiografia não pode ser vista com a mesma assertividade da verdade em outros contextos. Na historiografia, a verdade sofre ruptura de seu significado nos dicionários. Essa constatação levou Gagnebin a afirmar que “o conceito de verdade não se esgota nos procedimentos de adequação e verificação, procedimentos esses cuja impossibilidade prática no caso da historiografia [...] fornece, justamente, seus ‘argumentos’ aos revisionistas” (GAGNEBIN, 2006, p. 42).

A propósito, Barroso adverte que à história cabe “abdicar de seu poder de enunciação de uma intenção de verdade” (BARROSO, 2013, p. 58). Tal assertiva casa-se com a afirmação supra de Gagnebin. Afinal, quando a história recorre à literatura para explicar certos axiomas ela está se servindo de uma ação humana que é tão competente quanto consegue explicar o mundo a partir de uma expressividade que prescinde de documentos. A realidade, neste caso, é para ser imitada (Aristóteles), não para ser desnudada.

A relatividade da ação do historiador, no aspecto da pressuposição de verdade resulta de vários aspectos que vão desde a postura do pensador da história em termos de sua visão ideológica da realidade até as limitações oferecidas pela inexistência de fontes documentais que possam conceder, de forma incontestável, a certeza de que o relato seja íntegro. Essa constatação se torna mais contundente, quando se remete a Walter Benjamin (1940) que, citado por Gagnebin, assevera que uma articulação histórica do passado é uma operação epistemológica que não resulta em “conhecê-lo ‘tal como ele propriamente foi’”. Significa apoderar-se de uma lembrança tal como ela cintila num instante de perigo” (GAGNEBIN, 2006, p. 40). Tais considerações nos levam a concluir, ainda que provisoriamente, que a história não pode prescindir da literatura, afinal os “romances, as crônicas, as poesias e os contos ao falarem da cidade, permitem ao historiador outras formas para pensá-la”. Entretanto, é necessário ter em mente que, segundo Barroso (2013, p. 69), “a literatura como fonte de pesquisa da história é uma forma peculiar de buscar compreender a realidade objetivada”. Mas essa compreensão da

realidade por meio da literatura só ocorre porque a ficção apresenta a expressividade, a sensibilidade e carrega, por meio da ação, vestes e fala dos personagens o espírito predominante em certo período, o que contribui para o historiador esclarecer pontos que os documentos deixam obscuros em sua pesquisa para a análise do que aconteceu dessa forma e não de outra.

A literatura vem contribuindo para o entendimento das formas historiográficas e antropológicas do universo latino-americano “desde o século XIX, quando as palavras literárias transcenderam os limites da fantasia e da invenção e passaram a conjugar o elemento imagético a um referente identificável na realidade concreta” (CARDOSO, 2009, p. 22). Esse processo resulta de um fato já tornado lugar comum nos estudos da relação entre história e ficção; isto é, o universo histórico-social é único. Não há um contexto para a literatura e outro para a historiografia, pois ambas têm na realidade social a fonte onde “buscam seu alimento mútuo e se condicionam. A objetivação da história se dá por meio da concretude da vida que analisa, conceitua e transporta para o texto historiográfico. A literatura, ao contrário, privilegia a subjetividade e o mito” (CARDOSO, 2009, p. 21). Certamente é devido a essa circunstância que Cardoso (2009, p. 23) assevera que a “forma como os elementos do mundo surgem no texto literário e no texto historiográfico é a mesma, variando apenas o modo de recriação desses elementos nos textos”. Num caso, a realidade surge como sucessão de fatos identificáveis em documentos, na literatura essa sucessão remete à memória e aparece como mito.

A literatura como fato vivo e dinâmico tem sua importância, mas é necessário enfatizar o momento em que se deu esse fato. É por isso que uma pesquisa sobre a relação entre literatura e história torna-se urgente: é necessário mostrar como ocorreram, suas fontes de referência, influências e aspectos imanentes.

O resgate de memórias – individuais ou coletivas – também é outro fator importante na vida do indivíduo e na constituição de sua identidade, sendo que através dela há estímulo para a motivação da comunidade no sentido de participar ativamente na construção da história de cada indivíduo ou de uma sociedade em geral. O telurismo é um aspecto qualitativo que tem demarcado e diferenciado a literatura brasileira desde suas origens. Uma pesquisa cujo tema volta-se à

questão do telurismo como mito ficcional em uma obra oferece condições para se inserir na literatura a terra, não somente como espaço de vida e travessia de personagens, como também em termos de sua influência na constituição de identidades. O telurismo aparece como tema, quando se discute a relação afetiva do personagem com a terra. Esse aspecto tem sido um marco na literatura brasileira desde os relatórios dos viajantes nos primeiros tempos da colonização até os dias de hoje, tendo conhecido momentos de maior envergadura no romantismo nativista e na segunda fase do Modernismo.

O telurismo é um fenômeno propício para se estudar, no âmbito da literatura os aspectos relacionados à antropologia, em particular, e à cultura, em geral, pois ele faz parte da constituição dos sujeitos em sua relação com seu mundo imediato, onde vivem e estão enterrados seus entes queridos e onde a fala, os cantos, as rezas e as festas são eventos que igualam os indivíduos pelos mesmos costumes; havendo, portanto, elementos de uma antropologia associados à formação cultural. Sendo parte da antropologia e da cultura, o telurismo é uma área propícia para o entendimento da identidade e da forma como esta evolui e se transforma.

A obra “Essa terra”, principalmente por seu caráter literário, é um instrumento propício para se entender as questões relacionadas ao telurismo e a inserção deste na construção da identidade. Os personagens da obra citada, após sua chegada ao Sul veem seu sonho telúrico frustrado por diversos fatores, dentre eles, o de não estarem adaptados à vida na cidade, como pondera um personagem quando desabafa, após sua chegada à cidade grande, que “não conhecia ninguém, nenhum de seus compadres estavam nestas ruas, nestas casas, trabalho para carpinteiro ninguém sabia onde tinha, todos ali trabalhavam em oficinas mecânicas e postos de gasolina” (TORRES, 1988, p. 55).

Além disso, há as questões relativas à escassez de trabalho, ao inchaço das cidades que, ao receberem grande quantidade de migrantes, não têm meios para suprir o espaço com os recursos que possibilitam oferecer um adequado atendimento básico. A frustração e o desespero tornam-se uma constante na vida dos personagens, como exemplo, citamos a fala de um deles: “aqui vivi e morri um pouco todos os dias. No meio da fumaça, no meio do dinheiro. Não sei se fico

ou se volto. Não sei se estou em São Paulo ou no Junco¹” (TORRES, 1988, p. 47). Problemas como esse levaram Barroso (2013, p. 63) a referir-se ao desenvolvimento urbano como uma série de paradoxos, haja vista que, nos processos de urbanização, há uma articulação entre “desenvolvimento urbano e esperança, duas coisas essenciais para a reatualização da dinâmica social no processo de composição urbana”. Esses dois processos, isto é, *desenvolvimento urbano e esperança* culminam por mudar sua direção quando aplicado aos retirantes do Junco, apresentados como personagens em “Essa terra”, pois no caso desses personagens a convivência com o desenvolvimento urbano, nas cidades do Sul para onde imigram torna-se desesperança que pode ser percebida no romance em estudo, haja vista que nele sentimos “de perto o drama dos retirantes, expresso na voz dos personagens [...] o narrador [conta] a ida e a volta do irmão Nelo para São Paulo, fracassado e ‘engolido’ pela cidade grande” (SILVA, 2010, p. 99).

Eis porque a obra “Essa terra”, que é objeto de estudo neste artigo culmina por ser um texto que contribui para esclarecer a forma como a vida se fazia e acontecia no nordeste brasileiro em certo momento de sua história. Não que Antônio Torres tivesse a pretensão de documentar um período da história, mas porque ao transformar pessoas da realidade concreta em personagens da ficção, levou para o texto literário o homem com seus dilemas, suas dúvidas, seus medos e as incertezas de um porvir longe do Junco. O personagem de “Essa terra” repetiu, portanto, em sua saga o jeito como a vida se fazia e como ele reagia em face dessa vida no contexto do Junco e do Sul.

Quando se toma a verdade como critério para a validação do discurso científico, todas as outras fontes para a historiografia devem ser excluídas do processo de conhecimento da história. Ora, a literatura não tem a verdade como critério de validação dos dramas que apresenta, ao contrário, a arte (qualquer que seja a arte) tem na subversão da realidade sua maneira de se produzir. Entretanto, Barroso (2013, p. 73) pontua que a literatura “possui obras que podem ser tomadas como emblema da reflexão da modernidade”. No nosso

¹ Pequeno povoado do interior do Estado da Bahia, hoje conhecido como a cidade de Sátiro Dias.

entendimento, a obra “Essa terra” é literária porque responde positivamente a essa postulação de Barroso.

A linguagem da literatura é plurissignificativa, haja vista que é formada por símbolos que se metamorfoseiam semanticamente, de acordo com a sequência frasal ou textual em que se insere. Isso decorre, sobremaneira, de sua construção por meio de figuras de linguagem que têm o apanágio de conceder à matéria em desenvolvimento textual uma riqueza de significados que o texto com finalidade prática jamais consegue atingir. Barroso (2013, p. 69) concorda com essa postulação, quando argumenta que a “

complexidade de reconstrução das relações estabelecidas pelo viés da linguagem metaforizada é o que permite captar a formação da ordem social [...], bem como os processos relacionais inscritos no espaço e no tempo que são redefinidos cotidianamente pelas práticas sociais.

A obra “Essa terra” é uma representação metafórica de uma travessia que tem o homem como centro. O ponto de partida é o campo, lugar de onde homens (no sentido masculino do termo) são expulsos pelas forças do capitalismo abençoado, na obra, pela igreja e capitaneado pelo Banco que empresta dinheiro aos agricultores e depois lhes toma as terras para saldar as dívidas, haja vista que o clima árido e seco não possibilitou as colheitas prometidas pelos que, no Junco, representavam o governo. Temos aqui uma problemática na qual o indivíduo – sertanejo que adquire o empréstimo para melhorar de vida – torna-se vítima de uma sociedade injusta, num contexto econômico em que as terras eram divididas entre grandes fazendas, contribuindo para que a riqueza se concentrasse nas mãos de poucas pessoas, enquanto em sua maioria a pobreza reinava deixando os provedores das famílias sem meios para sobreviver e cada vez mais submissos aos seus superiores.

No que tange à travessia, como representação de uma metáfora das relações humanas tensas, Barroso (2013, p. 63) indica que as “metáforas do texto literário adquirem diversos significados”. Em nossa opinião, esses significados, na obra “Essa terra”, representam a opressão e, a partir dessa, todos os elementos que lhe são conexos, começando pela identidade que se torna um problema quando posta em

contato com a vida em cidades mais distantes, atingidas pela diáspora que é outro tema apenso à metáfora. Desta forma, ao ser baiano paulista ou paulista baiano, a ideia é de um hibridismo cultural, um hibridismo que, de acordo com Silva (2009, p. 87)

tem sido analisado, sobretudo, em relação com o processo de produção das identidades nacionais, raciais e étnicas [...] a mistura entre diferentes nacionalidades coloca em xeque aqueles processos que tendem a conceber as identidades como fundamentalmente separadas.

Ou seja, o personagem parte com suas características, sua fala, sua música, sua dança, mas no lugar para onde vai encontra outra fala, outra música e outra dança e busca adotar esses elementos como meio de ser aceito na nova comunidade. Esses aspectos borram, ou mancham a identidade do personagem.

A opressão, transformada em tema literário, a partir de uma memória coletiva qualificada pelo sofrimento, torna-se ficção que, por seu turno, sendo “parte da cultura geral de um povo assume o desafio de repensar historicamente as relações humanas em sociedades marcadas pela [ruptura da justiça], como é o caso da América Latina” (CARDOSO, 2009, p. 23-24). Essa postulação aplicada à obra “Essa terra”, demonstra que os personagens da obra em questão, que num primeiro momento representam a si mesmos lavrando a terra para prover a família de alimento, terminam como entes de uma diáspora em direção ao Sul. O viés imagético que aparece nesse primeiro momento é o do romantismo, mas no momento seguinte em que se dá a diáspora, as imagens são realistas e representam metaforicamente entes que, em grupo, atravessam o país e as dificuldades em busca de um eldorado, onde acreditam que encontrarão a dignidade e a segurança representadas pelo trabalho e pelo pão. A partir daí transformam-se em figuras que tipificam o homem marcado pela desesperança e pela incerteza.

Em “Essa terra” o problema não é o campo. Dessa forma, o campo e a vida rural não aparecem como contradição, mas como lugares de construção de uma identidade e, no caso do campo, como um eldorado, pois uma vez longe de seu lugar de origem, o sertanejo

percebe que o paraíso sempre fora aquela paisagem que um dia ficou para traz: um espaço telúrico em que o homem em comunhão com uma natureza que conhece e respeita encontra espaço para realizar-se como filho, marido e pai, é ali o seu centro de força, sua zona de proteção maior.

O problema aparece quando o espaço se transfere para a cidade que é uma fonte geradora de conflitos. No caso de “Essa terra”, o conflito privilegia uma contradição demarcada pela “ruptura do mito [e] pela racionalização do mundo como fator subjacente à coisificação do homem” (CARDOSO, 2009, p. 21). Essa assertiva de Cardoso aponta para o fato de que, nessa obra, a perda da identidade é fator da transformação do homem em coisa. Mesmo assim, em meio às dificuldades encontradas pelo caminho, o mesmo homem — ora coisificado — se vê numa batalha frenética à procura de meios que derrubem os obstáculos, superem as limitações interpostas à sua caminhada rumo ao renovo ou simplesmente, como diz Bachelard (1989, p. 48), “desejam viver em outro local, longe das preocupações citadinas” seus pensamentos fazem com que procurem refúgio dos problemas cotidianos.

A memória e a imaginação são elementos constantes dos sentimentos modeladores do telurismo. “Três pastos, uma casa, uma roça de mandioca, arado, carro de bois, cavalo, gado e cachorro. Uma mulher, doze filhos. O baque da cancela era um adeus a tudo isso” (TORRES, 1988, p. 49) Isto é, a memória dos espaços que ficaram para trás e a imaginação como esperança da reconquista desses espaços: “Papai, tomara que tudo melhore, eu penso nisso o tempo todo. Preciso mandar um dinheiro para o senhor comprar de novo a nossa roça” (TORRES, 1988, p. 46). Essa constatação leva ao entendimento de que a questão dos deslocamentos humanos tipificados na trajetória de personagens de obras ficcionais como aspectos reveladores dos contrastes entre centro e periferia é bidirecional; isto é, aponta para a terra alheia como espaço de esperança e para a terra ancestral como espaço de retorno. Essa via de mão dupla se dá pela troca constante entre o espaço urbano onde o personagem transita em seu presente e o espaço sertanejo, pertencente aos relatos do passado.

Em certos momentos, ao procurar refúgio, quando já se encontra no Sul, o indivíduo busca as lembranças que permanecem na

memória e acaba deixando-se seduzir pelo devaneio; no romance em análise, por exemplo, o personagem Nelo, que migrou do Junco (Bahia) para o Sul de São Paulo encontra-se em estado de devaneios com a terra ancestral ao ser surrado e humilhado por um grupo de soldados em plena marginal, “eles estão mijando na minha cara e eu estou tomando um banho no riacho lá de casa [...] seguro um tronco de mulungu para não me afogar, o tronco escapole, estou me afogando: — socorro” (TORRES, 1988, p. 45).

Enquanto passa por provações num espaço que não condiz com sua origem, sua cultura, sua filosofia de vida, o personagem, por meio de *flash-back* tenta minimizar a humilhação sofrida numa terra de estranhos, para isso os fatos que remetem à sua memória estão relacionados a um espaço de outrora, no qual viveu momentos felizes ao lado do pai, espaço este considerado pelo personagem, um espaço acolhedor. “O mijo escorre quente e fedido, é a chuva que Deus mandou na hora certa, viram como foi bom plantar no dia de São José?” (TORRES, 1988, p. 46). Para Nelo, o xixi que aliviavam sobre si era considerado a chuva chegada em boa hora porque no momento em que os soldados o faziam, as pancadas destinadas a ele cessavam, pois não podiam fazer as duas coisas ao mesmo tempo. Esse comportamento do personagem, de buscar refúgio através de devaneios, não é único e não se restringe aos limites da obra de Antônio Torres, pois há em Bachelard (1989, p. 45) uma situação semelhante, “quando o barulho dos carros se torna mais agressivos, esforço-me para ver nele a voz do trovão, de um trovão que me fala, que ralha comigo”.

O discurso literário realiza-se a partir de vários pontos de ancoragem. Há os discursos que se ancoram no eu e representam a luta do indivíduo que, solitário, busca vencer as forças que o dominam no mundo da realidade. Neste caso, o elemento representado é o homem destacado do meio social e histórico em que se insere. Eis aqui a forma de representação que encontramos no texto romântico; já ao situar-se “no espaço da representação, ele faz da realidade o seu ponto de partida, o mundo referido então se abre para ser investido de sentidos para que a realidade então passe a carregar dentro de si outros significados” (BARROSO, 2013, p. 62). O personagem de “Essa terra”, o eu ressignificado pela cidade compõe-se da soma dos

elementos com que se depara em sua realidade imediata (a realidade de empréstimo) do Sul com a realidade que sobrevive como memória dos tempos do Junco. A propósito, do Junco ao sul, Antônio Torres traz ao lume o drama do retirante e

Ao tematizar o movimento, a migração, o deslocamento e as fronteiras, a obra de Torres constata abismos. No entanto, esses abismos e o modo como essa posição intermediária das personagens ficcionais é figurativizada pelo escritor é um ponto de partida, a partir do qual é possível discutir e problematizar semelhanças e diferenças culturais em nosso mundo contemporâneo, em âmbito local, regional, nacional e também global (SEIDEL, 2010, p. 13).

O personagem, num momento tenso de sua travessia, exclama: “— Hei de te amar até morrer. Essa é a terra que me pariu.” (TORRES, 1988, p.19). Este trecho da obra em estudo guarda um tom afetivo da relação entre o homem e seu espaço de origem, indicando que tal relação permanece arraigada mesmo que o indivíduo seja enxotado para outros lugares, tendo em vista que sua terra atrai e repulsa ao mesmo tempo. A repulsão ocorre naqueles casos em que parte da população migra para outras localidades, quando a terra ancestral não oferece os meios de sobrevivência.

Essas considerações qualificam a relação entre o homem e seu lugar de origem desde os tempos bíblicos, quando Moisés guiou os israelitas, na condição de nação eleita para a terra onde mana leite e mel. Ela aparece como tema e problema refletido na literatura desde sempre, como exemplificam os textos românticos da vertente nativista. A busca de um eldorado é, portanto, fato antigo na história de todo homem e comunidade em cujo espaço de moradia não encontra condições de sobrevivência. Repete-se, por exemplo, no nordeste brasileiro, como constata Fioravanti, ao afirmar que

o desejo de fuga para as terras do Centro-Sul habitava o universo mítico do nordestino: o sonho mítico de habitar uma terra onde ‘corresse leite e mel’ não foi apenas prerrogativa do povo hebreu na gênese bíblica, mas fora difundido por todos aqueles que sofriam com a extrema pobreza da natureza (FIORAVANTI 2010, p. 95).

A situação de penúria na história do povo de Israel e entre os moradores do Junco leva ambos os povos a fugirem de seus opressores. No primeiro caso, a opressão era representada pela figura do faraó que, sendo aquele que detinha o poder sobre os demais, mantinha o povo israelita sob seu controle, enquanto no segundo caso, o vilão da história era a própria terra que oprimia os moradores por sua improdutividade de alimentos.

É nessa partida para espaços desconhecidos que o telurismo vem à tona, pois lançado, de chofre, no meio da cidade grande entre a vibração das ruas e das máquinas, o homem, outrora habitante dos campos, percebe que a volta para a terra que abriga seus mortos é seu único caminho de reencontro com sua identidade.

Voltando à questão da identidade, este estudo concluiu que ela é construída na relação do homem com a terra, pois esta guarda histórias, mitos e sabores que contribuem para levá-lo a uma identificação mútua, ou como assevera Bachelard (1989, p. 34), “mais que um centro de moradia, a casa natal é um centro de sonhos”, quando os homens passam a vislumbrar em cada um a projeção do mundo material e espiritual que lhes conferiu o jeito de ser e viver. “Se voltarmos à velha casa depois de décadas de odisséia, ficaremos muito surpresos de que os gestos mais delicados, os gestos iniciais, subitamente estejam vivos, ainda perfeitos” (BACHELARD, 1989, p. 34). A relação com a terra somada à identidade leva a uma experiência amorosa, formada pela impossibilidade de se viver distante dos espaços de origem. Afinal, continua Bachelard (1989, p. 35), “habitar oniricamente a casa natal é mais que habitá-la pela lembrança; é viver na casa desaparecida tal como ali sonhamos um dia”.

No caso do Brasil em geral e, sobretudo, quando se considera o Nordeste em particular, o problema é adensado pela seca e seus problemas conexos, como as dificuldades para se conseguir o pão. Tais fatos levam o homem a se afastar de suas origens, o que amplia em seu consciente as relações telúricas que antes mantém com a terra. A saída para terras desconhecidas se dá mesmo sem saber, de antemão, sobre as possibilidades de sobrevivência nesse outro mundo. De qualquer maneira, os personagens não encontram outro modo de sobrevivência que não seja a lida com a terra; neste caso, não se dá uma retirada para

lugares distantes, mas uma travessia pelo próprio espaço de origem em busca de outros espaços.

Referências

BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço**. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

BARROSO, Eloísa Pereira. História e literatura: um percurso metodológico no estudo da cidade. **Miscelânea: Revista de Literatura e Vida Social**. Assis, v. 13 jan.-jun. 2013, p. 57-75.

CARDOSO, João Batista. **Um mapa da história sobre o mapa da ficção**. Goiânia: Ed. da UCG, 2009.

FIORAVANTI, Solange Araújo. Totonhim — marcas emblemáticas de um migrante sertanejo em *O cachorro e o lobo*, de Antônio Torres. In: NOVAES, Cláudio Cledson; SEIDEL, Roberto Henrique (Org.). **Espaço nacional, fronteiras e deslocamentos na obra de Antônio Torres**. Feira de Santana: UEFS Editora, 2010. p. 89-97.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. Lembrar, escrever, esquecer. In: _____. (Org.). **Verdade e memória do passado**. São Paulo: Editora 34, 2006. p. 39-47.

SEIDEL, Roberto H. Deslocamentos marcam a vida e a criação literária de Antônio Torres. In: NOVAES, Cláudio Cledson; SEIDEL, Roberto Henrique (Org.). **Espaço nacional, fronteiras e deslocamentos na obra de Antônio Torres**. Feira de Santana: UEFS Editora, 2010. p. 11-14.

SILVA, Amanda da. São Paulo não é o que se pensa: uma leitura da trilogia torresiana. In: NOVAES, Cláudio Cledson; SEIDEL, Roberto Henrique (Org.). **Espaço nacional, fronteiras e deslocamentos na obra de Antônio Torres**. Feira de Santana: UEFS Editora, 2010. p. 99-110.

SILVA, Tomaz Tadeu da. A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, Tomaz Tadeu da; HALL, Stuart; WOODWARD, Kathryn. **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. 9. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009. p. 73-102.

TORRES, Antônio. **Essa terra**. 8. ed. São Paulo: Ática, 1988.

Recebido em: 15 de junho de 2016

Aceito em: 20 de julho de 2016